

Chico conta sua dura história de andanças pelo Brasil, vindo do Ceará até chegar onde está hoje. Apesar de cearense, Chico é um dos mais entendidos das plantas do Cerrado entre as pessoas da Associação, pela dedicação e admiração que tem pelo lugar que lhe acolheu e que ele adotou como sua terra. Sempre que pode, nos acompanha nos passeios a pé pela área da Associação, demonstrando uma grande paixão pela mata, pelo córrego, pela área de plantio, pelo curral, por tudo ali. Chico tem um sorriso de quem é completamente realizado.



FIGURA 11: Chico  
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Além das entrevistas, participamos de momentos diferenciados na Associação, como uma festa religiosa, terços comunitários que acontecem mensalmente entre os vizinhos do lugar, aniversários, as bodas de ouro de Dona Júlia e Sr. Belino, e outros momentos festivos, reuniões com mulheres, implantação da coleta seletiva no local, reuniões de avaliação, dentre outros.

Muitos aspectos chamam a atenção neste trabalho e podem ser transformados em elementos definidores de parâmetros teórico/metodológicos à Educação Ambiental, no contexto da idéia que norteia nosso trabalho: a construção de saberes por meio do resgate de valores. Começamos pela forma como os associados se relacionam, como conseguem ser tão abertos à vida coletiva, como são solidários, como sabem “fazer a sua parte” sem olhar para os lados, como são dedicados, compenetrados, determinados, dispostos para o trabalho como atividade digna e merecedora de muito carinho. Sentimos em cada pessoa que vive naquele lugar, uma alegria profunda pela oportunidade de poder cultivar sua própria terra, de morar em casa própria, de ter

dinheiro para comprar seu alimento, de ser sujeito de sua sobrevivência, apesar das dificuldades, como dissemos. O sentido da vida está aí, portanto a felicidade é algo que salta aos olhos. Lembramos, também, da visão que têm da terra, a forma como conduzem a criação dos filhos, as brincadeiras das crianças e a espiritualidade como pano de fundo de tudo isso.

Tivemos a oportunidade de levar à Associação Frei Rodrigo de Castro Amédée Péret, nosso amigo e um apaixonado pelo trabalho com comunidades rurais, e que participa de debates a respeito dos problemas envolvendo os assentamentos do Banco da Terra no Brasil. O Frei ficou sensibilizado ao ver que esta Associação tem características importantes que indicam uma expectativa de sucesso, diferente do que vem acontecendo na maioria dos assentamentos desta modalidade, tanto que, em outra oportunidade, levou o Delegado Federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Higino Marcos da Mata de Oliveira, que também nos falou de sua perplexidade com o desempenho, com a maneira como os associados se relacionam e de como a liderança consegue ser, ao mesmo tempo, democrática, séria e humana.



FIGURA 12: Frei Rodrigo, João Calixto e Higino  
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Concluindo, temos muito a propor às escolas, onde se constrói o futuro, partindo dos saberes compartilhados na Associação, local onde encontramos muitos sinais de um tempo que para muitos já se foi, mas que, para outros, ainda é presente e real. Um tempo em que, no geral, vivia-se sob outros valores. Como, então, se conectar com esse tempo? A resposta está, ao nosso ver, no contato com essas pessoas, aprendendo com

elas, deixando-nos ser “contaminados” por seu jeito simples – e não simplista – de ver as coisas e de agir no mundo.

Faremos, agora, uma caracterização do que estamos denominando saberes tradicionais, enfatizando aspectos definidos, com o objetivo de, no capítulo 5, transformar essas reflexões em uma proposta metodológica de Educação Ambiental às escolas.

#### 4.3.1- A vida em comunidade

Num mundo regido pelo estímulo ao individualismo e que tudo faz para habilitar as pessoas a terem atitudes isoladas, temos vivido uma grande lição na Associação Nova Esperança de como viver em comunidade. Interessante o que temos experimentado. É como se todas as teorias de “como conviver”, como exercer atitudes democráticas e solidárias, como saber o momento de se colocar como identidade pessoal, em alguns momentos, e coletiva, em outros, saíssem do papel e fossem praticadas ali, ao vivo e a cores. Por inúmeras vezes, lamentamos não ter mais pessoas acompanhando essa experiência, especialmente nossos colegas educadores que vivem a rotina das escolas, sem falar de alguns líderes políticos e religiosos do mundo, que permitem, por falta da sabedoria comunitária, a profusão de guerras.

Os agricultores familiares têm dado um exemplo do que há de mais profundo em nossas teorias sobre Educação Ambiental: o exemplo de que a transformação do mundo, a tão sonhada sociedade da paz, do equilíbrio, da solidariedade, do amor, enfim, só poderá surgir por meio de mudanças internas, de rompimentos com os paradigmas pessoais que têm nos tirado do contato com nossa essência e nos transmutado em seres essencialmente racionais. Cremos que estas mudanças, à medida que vão se ampliando e tornando possível o surgimento de pequenas comunidades coesas e verdadeiramente solidárias, um dia, quem sabe, comporão a comunidade planetária que vislumbramos.

Nossas observações partem, em primeiro lugar, dos valores que aquelas pessoas exteriorizam em seu convívio cotidiano, os quais, em seu conjunto, representam a base da visão de mundo que têm e que se reflete nas várias situações que formam o dia-a-dia da Associação. E o que são valores?

De acordo com o Dicionário Básico de Filosofia (Japiassú; Marcondes, 1996), a palavra *valor* vem do latim e, em seu sentido original, significa coragem, bravura, o caráter do homem, daí, por extensão, significar aquilo que dá a algo um caráter positivo.

Enfatizando seu aspecto filosófico, está relacionada, por um lado, àquilo que é bom, útil, positivo, e, por outro lado, ao sentido de prescrição, ou seja, algo que deve ser realizado. Já no sentido ético, valores são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta. Para algumas concepções, é um valor tudo aquilo que traz a felicidade do homem.

Para os editores da revista *Ecologia Integral*<sup>1</sup>, valores são um conjunto de conceitos ou idéias que capacitam as pessoas a viverem em sociedade; são referenciais que cada grupo social e cada cultura determina como sendo prioritário ou não em relação a outras coisas. Por exemplo, a vida é o valor maior porque ela é o campo onde florescem, além das “flores do campo e da cidade”, todos os valores como amor, paz, felicidade, tolerância, cooperação, honestidade, dentre tantos outros.

Segundo Aranha e Martins (1998), os valores não são coisas, mas resultam das relações que os seres humanos estabelecem entre si e com o mundo em que vivem. Por isso, os valores são, em parte, herdados da cultura, e nossa primeira compreensão da realidade se funda no solo dos valores da comunidade a que pertencemos. Esse fato talvez nos faça concluir que tais experiências variam conforme o povo e a época. É o que nos sugere a diversidade de costumes entre os povos. Para as autoras, os valores existem na ordem da *afetividade*, uma vez que não ficamos indiferentes diante de alguma coisa ou pessoa, mas sempre somos *afetados* por elas de alguma forma. Reclamamos da caneta que não escreve bem, ouvimos várias vezes, com prazer, a música de nossa preferência, recriminamos quem usa de violência e assim por diante.

Valorar é uma experiência fundamentalmente humana que se encontra no centro de toda escolha de vida. Fazer um plano de ação nada mais é do que dar prioridade a certos valores, ou seja, escolher o que é melhor (seja do ponto de vista moral, utilitário, etc.) e evitar o que é prejudicial para atingir os fins propostos. A consequência de qualquer valoração é, sem dúvida, dar regras para a ação prática. Se o ar é um valor para o ser vivo, é preciso evitar a poluição que compromete a qualidade desse bem indispensável. Se a credibilidade é um valor, não podemos mentir o tempo todo, caso contrário, as relações humanas ficam prejudicadas. Portanto, diante daquilo que *é*, a valoração orienta para o que *deve* ser. (ARANHA; MARTINS, 1998, p. 117).

As autoras refletem sobre uma dimensão do tema *valores* muito pertinentes ao conteúdo desse trabalho, pois lembram que os mesmos, por serem herdados da cultura de uma comunidade, tornam-se os primeiros referenciais que temos da realidade da qual

---

<sup>1</sup> Ano 5, n.º 25, 2005.

fazemos parte, e, portanto, essenciais ao nosso sentimento de pertencer, e de ser importante – a esta realidade . Além disso, ao afirmarem que *dar valor* é uma experiência humana resultante de escolhas, nos remetemos às indagações fundamentais de nossa pesquisa: por que escolhemos cultivar valores que têm levado à destruição do nosso planeta e das relações de parceria pela vida antes existentes? Por que, não satisfeitos em destruir essas relações, temos nos dedicado a implantar valores que diminuem, excluem, ignoram e, até mesmo, eliminam pessoas, culturas e idéias comprometidas com o estabelecimento de novos parâmetros de convivência neste planeta?

Entendemos que os valores perdidos ou deixados de lado, seja a própria vida ou o amor, não têm preço, não têm uma forma concreta, não são mercadorias. Entretanto, a sociedade atual vem substituindo estes valores por outros que refletem a realidade competitiva e materialista ditada pelo poder econômico: posição social, poder, dinheiro. A mídia contribui para isso porque coloca a mulher bonita, o homem rico e poderoso, o carro do ano, dentre outros, como símbolos de prosperidade e sucesso. Incentiva jovens, crianças e adultos a desejarem um mundo material como receita para a felicidade e a satisfação pessoal. O sistema capitalista cria e se mantém a partir desta ilusão: “consumir é ser feliz”.

Para Weil (2003), dos valores preconizados na Revolução Francesa (1789) – liberdade, igualdade, fraternidade – inseparáveis em sua intenção, a liberdade ficou com o mundo capitalista, que sacrificou a igualdade de oportunidades; a igualdade ficou com o mundo socialista, que sacrificou, em nome desse valor, a liberdade; e a fraternidade foi esquecida por ambos, devido ao domínio da ciência e da tecnologia, que a relegaram para o domínio da espiritualidade. Para ele, “quem fala em fraternidade e amor, hoje, é, muitas vezes, visto como idealista, sonhador, vivendo nas nuvens, sentimental, atrasado” (WEIL, 2003, p.67).

Se o consumo é a fonte da felicidade para muitos de nossa sociedade, acaba existindo, nas entrelinhas das relações humanas, uma competição, velada ou não, para se alcançar o prêmio de “aquele que tem mais”, ou “aquele que tem o mais moderno”, ou “aquele que é mais bonito fisicamente”, ou, melhor ainda, “aquele que tem tudo isso junto”. No contexto desta competição, é difícil cultivarmos valores que façam de nós pessoas que têm o foco de interesse em outras dimensões da vida e, assim, fazermos da solidariedade um valor presente e autêntico em nossas relações.

Talvez o ambiente da roça facilite isso. Em quase todas as falas que ouvimos durante as entrevistas, foram feitas referências à união, ao respeito e à amizade que os une, como fatores preponderantes para o sucesso da Associação. Por exemplo:

o que realmente faz com que nossa cooperativa dê certo é a nossa união, o respeito de uns pelos outros, a humildade, a transparência para resolver todos os assuntos. (JOÃO CALIXTO).

Claro que nem tudo se arranja de uma vez. Nós plantamos uma semente aqui e para ela dar seus frutos, vai demorar um pouquinho e vai exigir de cada um de nós um grande esforço, trabalho, união, sinceridade e respeito. Sem isso, com certeza, nada irá para frente. Mas, até hoje isso não tem faltado, e a cooperativa tem dado muito certo. (CIDA).

Muito nos impressionou, também, a garra das famílias quando se uniram para iniciar o processo da busca pelo recurso do Banco da Terra para a compra da área onde estão hoje. Cida nos conta que João Calixto foi o grande incentivador. Reuniu as famílias, viu o que precisava fazer pra preencher os papéis. “Ele ficou um ano e sete meses mexendo com esses papéis”, diz Cida. “Combinamos que ele ficaria só por conta de mexer com isso, e todas as famílias ajudavam ele a sobreviver com a esposa e o filho. Um dava 10 reais uma semana, outro dava 20, e assim foi até sair o dinheiro. Sei que fome eles não passaram”. Segundo Cida, uma coisa que nunca faltou foi fé, todos tinham certeza que ia dar certo. E deu.

O que mais fortalece a Associação é o trabalho, a humildade e a dedicação de todos que *formam ela*. Quando surge algum problema aqui dentro, nós reunimos para tentar resolver. Às vezes até brigamos, mas logo se resolve e *tá* todo mundo trabalhando de novo. Tem hora que a gente acha que algumas pessoas são duras como pedra, mas são as primeiras a conversar com humildade e pedir desculpas. Aqui se sabe pedir desculpas.



FIGURA 13: Cida e Zé Brinco  
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Zé brinco, marido de Cida, também foi um grande batalhador pela Associação. Como tesoureiro, no início, disse que penou muito porque não entendia nada de contabilidade e, além do mais, sempre foi muito tímido. Segundo ele, “há uns anos atrás, eu não *tava* aqui conversando com você não, Mirna. Tinha coragem de jeito nenhum. Era muito vergonhoso”. Disse que com a experiência de tesoureiro, aprendeu a ouvir os outros, a ter tolerância com as coisas e paciência, pois ninguém é igual a ninguém, e aprendeu, também, que ele tem valor, que sabe fazer as coisas. “Antes, eu me achava um nada, sabe? Não via nada que prestava em mim”. Ele está certo de que é a humildade de todos ali na Associação que está fazendo a diferença, que está fazendo com que a coisa ande, porque “sem humildade, o *nêgo* não dá um passo pra frente. Fica empacado que nem burro. Até acho que o burro tem esse nome porque ele empaca, não tem a humildade de voltar um pouquinho e tentar de novo” (risos).

Chico, mencionado anteriormente, mora perto do Joãozinho, filho da Dona Adalgisa, que é viúva e tem mais um filho morando com ela na Associação. Chico e Joãozinho, além de serem associados, também são sócios no quintal. Em sua visão:

uma das coisas que fez que nós *ficasse unido* é a nossa persistência nas coisas, o respeito entre os amigos e a clareza dos problemas da cooperativa. Outra coisa, quando eu estou desanimado com alguma coisa, eu não passo ele para o outro não. Tento superar e encontrar a saída do problema, esperando o momento certo para discutir. No dia da reunião, falamos muitas coisas que, às vezes, pode magoar, mas aqui não tem isso de ficar com raiva da pessoa não. Outra coisa, eu que sou presidente nesse momento, aprendi que você nunca pode falar a mesma coisa do mesmo jeito pra todo mundo. Tem gente que acorda e te dá um bom dia de todo tamanho; outro já acorda de cara amarrada. Isso é assim mesmo, cada um é de um jeito. Se você chegar com

uma notícia ruim *pros* dois, cada um vai reagir de um jeito. Então, tem que esperar a hora certa de falar com cada um, entendeu?

Sr. Tenório acrescenta um dado importante sobre estar na Associação e, ao mesmo tempo, fazer parte de uma família:

tudo aqui *tá* dando certo porque nós *trabalha* todos juntos. Aqui não tem moleza não. Na mesma hora que eu *tô* ajudando aqui no tomate, eu já termino aqui e passo para outra parte, pra ajudar quem *tá* precisando mais. Nós aqui não *briga*. *Discute* os assuntos de forma a ajudar a todos. Cada pessoa aqui tem que cuidar de si, e você só sabe o que se passa dentro da minha casa se eu te contar. Nossa comunidade é unida e acho que só vai melhorar. Bebida? Nem pensar. De vez em quando uma cervejinha, mas é difícil. Acho que só no Ano Novo.

Terminamos esta etapa citando *Os Mutantes: uma nova humanidade para um novo milênio*, de Pierre Weil, uma obra que expressa com conhecimento, em nossa opinião, o que poderíamos pensar das pessoas que compõem a Associação Nova Esperança. “Um ser humano à procura de uma nova visão do universo e do sentido da nossa existência” (WEIL, 2003, p. 9), é o que o autor classifica como *mutante* no meio da confusão caótica da nossa época. Nada mais coerente. Se estamos realmente vivendo tempos de profundas mudanças no modo de ver, de conceber a vida e o planeta, será necessário que este novo paradigma tenha início em alguns seres que, por suas características diferenciadas da maioria dos outros pertencentes ao velho modelo, se pareçam com *mutantes*. Para Weil (2003, p.11),